

A RELAÇÃO RAIZ E ESTRUTURA SINTÁTICA NA SEMÂNTICA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E ESPANHOL

THE RELATIONSHIP BETWEEN ROOT AND SYNTACTIC STRUCTURE IN THE SEMANTICS OF WORD FORMATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND SPANISH

Rafaela do Nascimento Melo Aquino
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Isabella Lopes Pederneira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Miriam Lemle
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Este trabalho teve por objetivo observar se é possível palavras com múltiplas camadas morfológicas ganharem novos significados, tendo em vista os estudos sintáticos sobre a relação entre a derivação das palavras e seus significados possíveis. Seguindo a teoria Exo-esquelética (BORER, 2005, 2013, 2015a e 2015b), assumimos que palavras complexas podem receber significados novos em nível morfológico superior à primeira junção entre a raiz e um morfema categorizador. Neste trabalho, mostraremos que dados de línguas aparentadas, como o Português do Brasil (PB) e o Espanhol (Esp), podem apresentar diferentes formas de inserção do conteúdo conceitual em palavras cognatas complexas. Com este estudo podemos trazer à teoria um avanço na compreensão da interface entre a sintaxe e a semântica.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria exo-esquelética; Palavras cognatas; Composicionalidade e não-composicionalidade em palavras complexas.

ABSTRACT: This work aimed to observe if it is possible complex words receive new abstract concepts, in view of the syntactic studies about the relation between the derivation of words and their meanings. Following the Exo-skeletal theory, proposed by Borer (2005, 2013,

2015a and 2015b), we assume that words with a multiple morphological layers can receive new meanings at any morphological level that will be emerge after the first merge between the root and a functional head. In this work, we will show that data from languages of the same family, such as Brazilian Portuguese (PB) and Spanish (Esp), may present different forms of insertion of conceptual content into complex cognate words. With this study we can bring to the theory an advance in the understanding of the interface between syntax and semantics.

KEYWORDS: Exo-skeletal model; Cognate words; Compositionality and non- compositionality in complex words.

1. INTRODUÇÃO

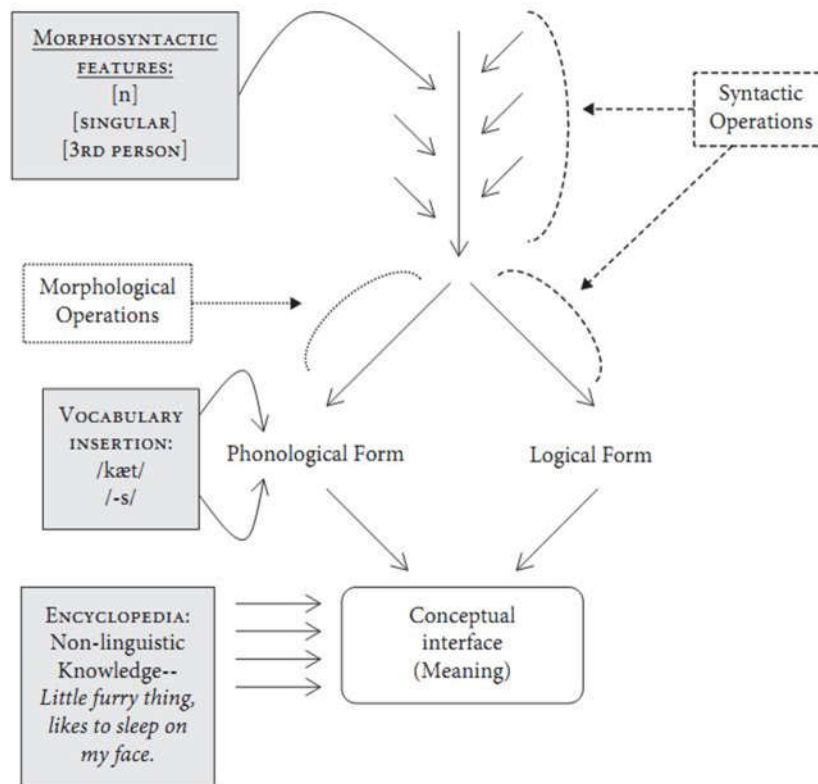
Os estudos sintáticos sobre a relação entre derivações das palavras e seus significados possíveis tentam delimitar o nível sintático no qual os significados idiomáticos podem emergir. As propostas construcionistas da Gramática Gerativa apresentam uma nova abordagem para essa delimitação. As duas principais teorias construcionistas assumidas neste texto são a Morfologia Distribuída (DM), proposta por Halle e Marantz (1993); e o Modelo Exo-esqueletal (ME), proposto por Borer (2004, 2005, 2013). Essas teorias têm hipóteses semelhantes no que diz respeito à responsabilidade do sistema computacional na criação de palavras e têm diferentes suposições sobre o limite sintático de novos significados em palavras complexas.

O objetivo deste trabalho foi observar se é possível, palavras com múltiplas camadas morfológicas (isto é, aquelas cuja a estrutura morfossintática ultrapassa a camada raiz + nó funcional categorizador) ganharem novos conteúdos conceituais, ou seja, novos significados. Seguindo a teoria Exo-esqueletal, assumimos que palavras complexas podem receber significados novos em qualquer nível morfológico superior a primeira junção entre a raiz e um nó funcional (nominalizador, verbalizador, adjetivador), desde que não haja uma projeção estendida verbal delimitadora.

Neste trabalho, mostraremos que dados de línguas aparentadas, como o Português do Brasil (PB) e o Espanhol (Esp), podem apresentar diferentes formas de inserção do conteúdo conceitual em palavras cognatas complexas. Os dados apresentados serão nomes cognatos derivados do par de verbos *correr/correr* e *bater/batir*. A análise dos dados foi feita a partir da análise morfossintática, observando se houve mudança de leitura semântica no decorrer da derivação.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

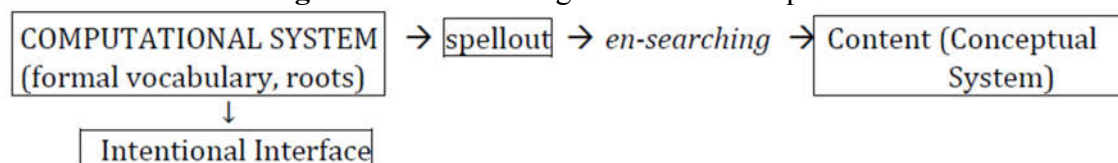
O desenvolvimento da Gramática Gerativa em suas vertentes construcionistas trouxe uma nova maneira de olhar e, conseqüentemente, de estudar as palavras. Nestas novas visões, isto é, Morfologia Distribuída e Modelo Exo-esqueletal, o sistema computacional é responsável não só pela formação de sintagmas e sentenças, mas também de palavras. Deste modo, processos sintáticos como *juntar*, *mover*, *copiar* etc. também são acionados na formação de palavras. Esta proposta se diferencia das propostas lexicalistas, pois, a assunção de um léxico como um local em que as palavras são formadas antes da sintaxe é abandonada. Na proposta da MD, o 'léxico' é expandido em três listas responsáveis pelas fases da derivação morfossintática. A primeira lista contém os *Traços Morfossintáticos*, ou seja, os elementos base das operações sintáticas: traços funcionais e raízes. A segunda lista contém os *Itens de Vocabulário* a serem inseridos nos nós funcionais criados pela sintaxe, e a terceira lista, *Enciclopédia*, contém os significados possíveis para a estrutura morfossintática gerada pela derivação. Observe na Figura 1, uma representação deste modelo:

Figura 2 - Modelo de gramática da Morfologia Distribuída

Fonte: SIDDIQI, 2009, p. 14.

Outro modelo aqui assumido é o proposto por Borer (2013c). Neste modelo, assim como na MD, é assumido que a sintaxe é o único sistema computacional, sendo responsável também pela formação de palavras. Este sistema trabalha com raízes e funtores. As raízes (listemas) são índices fonológicos que não apresentam estrutura argumental, isto é, não projetam argumentos e não contêm conteúdo semântico. Esta assunção tem grande influência na nossa escolha pela comparação entre palavras cognatas em duas línguas aparentadas, pois, se as raízes não apresentam conteúdo semântico, as palavras que são formadas, etimologicamente, por uma mesma raiz em duas línguas da mesma família poderão apresentar significados totalmente distintos, seguindo caminhos de derivação morfológica muito diversos.

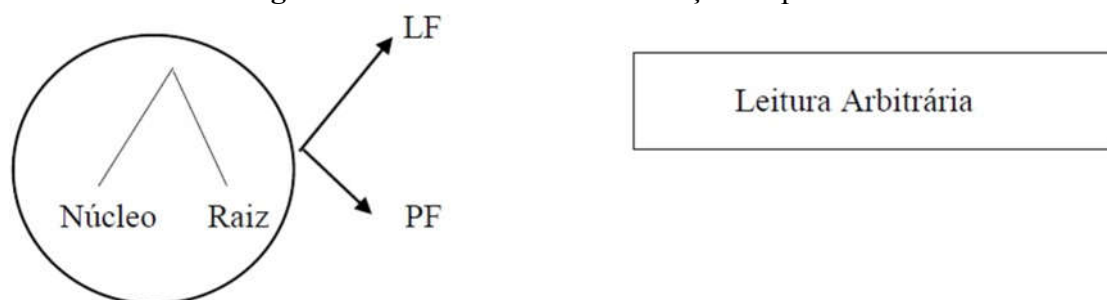
Os funtores, por sua vez, são classificados em funtores categoriais (C-functors) e funtores semânticos (S-functors). Estes são, respectivamente, responsáveis por projetar e licenciar nós funcionais e lexicais. As estruturas sintáticas criadas a partir da junção destes elementos são enviadas para a forma lógica, a partir de spell-out. Após o spell-out, um mecanismo de busca enciclopédica é ativado e, assim, o conteúdo conceitual é combinado à estrutura criada. Observe abaixo o modelo acima descrito:

Figura 3 - Modelo de gramática Exo-esqueletal

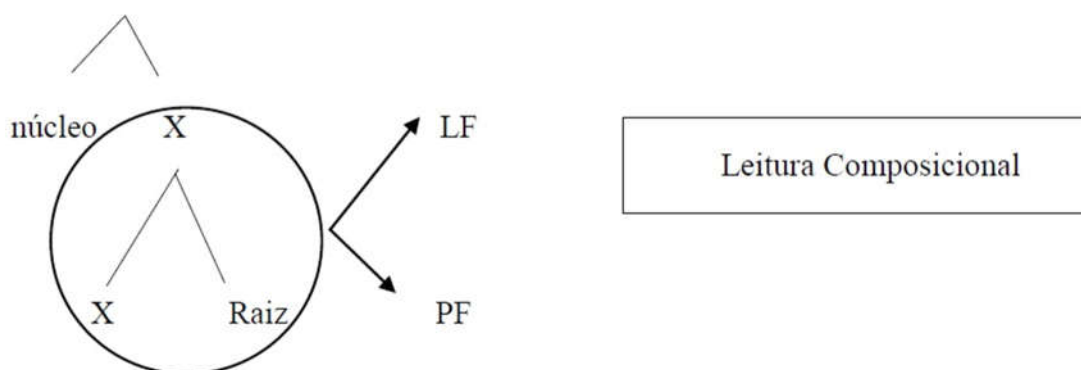
Fonte: BORER, 2014, p. 30.

As duas vertentes descritas brevemente acima também fazem suposições a respeito do nível sintático que restringe o surgimento de conceitos idiomáticos em palavras morfologicamente complexas. Por conceito idiomático entende-se conteúdo semântico que não provém da soma dos significados das peças morfológicas, como por exemplo, o significado *ato covarde* na palavra *cachorrada* no contexto *Ele fez uma cachorrada comigo*.

Para Marantz (2001) e Arad (2003), os conceitos enciclopédicos ou idiomáticos em palavras complexas podem surgir somente na primeira concatenação de um nó funcional (*n,v,a*) a uma raiz acategorial. Deste modo, por consequência lógica, todas as camadas morfológicas posteriores terão leitura composicional. Observe o detalhamento desta hipótese nas figuras 3 e 4 a seguir:

Figura 4 - Primeiro ciclo de formação de palavras

Fonte: AQUINO, 2016, p. 22.

Figura 5 - Segundo ciclo de formação de palavras

Fonte: AQUINO, 2016, p. 22.

No entanto, esta suposição não dá conta de palavras como *cachorrada* (*ato covarde*), *reacionário* (*conservador político*) e *refrigerante* (*bebida gasosa*) em que o significado está longe de ser o resultado da combinação entre os

significados das partes. Ou é possível dizer que a semântica de *refrigerante* (bebida gasosa) é composicional com a semântica de *refrigerar*?

Estes poucos exemplos já podem nos mostrar que esta proposta teórica da MD não é tão adequada para uma língua cujas palavras podem ter muitas camadas morfológicas como o PB. Para o nome *cachorrada*, por exemplo, não podemos assumir que a sua estrutura morfológica seja: $[[\sqrt{\text{cachorr}}] \text{ada}]_n$, uma vez que, em PB, o sufixo *ada* é concatenado a nomes, como por exemplo, *martelo – martelada*, *pedra – pedrada*, *papel – papelada*, *criança – criançada* etc. Ao assumir que raízes não possuem categoria gramatical torna-se necessário lançar mão do processo sintático *concatenar* (merge) para categorizar uma raiz qualquer a partir de um nó funcional categorizador.

Este processo inicial já é a primeira camada em que, segundo Marantz (2001), o significado enciclopédico será encaixado. Este processo pode ser observado nos nomes base dos exemplos acima citados: *cachorro*, *martelo*, *pedra* etc. Seguindo este raciocínio, a derivação mais adequada para o termo *cachorrada* seria: $[[[\text{cachorr}]_{\sqrt{}}]_n \text{ada}]_n$, em que há uma primeira camada morfológica na qual a raiz $\sqrt{\text{cachorr}}$ é nominalizada, tornando-se *cachorro* e, por conseguinte, o nome *cachorro* é derivado a partir do sufixo *-ada*, tornando-se *cachorrada*. Observe que este nome pode ter duas leituras. A primeira seria a leitura composicional, *um grupo de cachorros*, e a segunda seria idiomática, *ato covarde*.

A proposta teórica acima descrita, com poucos exemplos, já não se mostra tão adequada para uma análise de nomes derivados em PB. Deste modo, foi necessário lançar mão de outra teoria que desse suporte para casos de idiomatização em palavras morfológicamente complexas: a teoria Exo-esqueletal. Nesta teoria, os nomes deverbais são subdivididos em: *nomes com estrutura argumental* (AS-nominals) e *nomes referenciais* (R-nominals). Para os dois tipos de nome é assumido que o licenciamento de novos significados é dado pela sua estrutura sintática.

De acordo com Borer (2013c), os nomes do primeiro tipo apresentam as seguintes características: têm papéis relacionados a evento e precisam de argumentos, apresentam leitura eventiva, modificam agentes, seus sujeitos são argumentos, podem mudar a telicidade e, em espanhol, os sintagmas iniciados por *por* são seus argumentos. Para esses nomes é assumido que sua leitura será sempre composicional.

Os nomes do segundo tipo, por sua vez, não têm papéis relacionados a eventos, não necessitam de complementos, leitura eventiva não é necessária, não modificam agentes, os sujeitos são possessivos, não controlam argumentos, não podem ter mudança de telicidade e, em espanhol, selecionam sintagmas iniciados por *de*. No que diz respeito à leitura semântica desses nomes, é assumida a possibilidade de surgimento de conteúdo não-composicional. Algumas dessas características ficam claras nos exemplos a seguir com o nome *plantação* com leitura eventiva e *plantação* sem leitura eventiva.

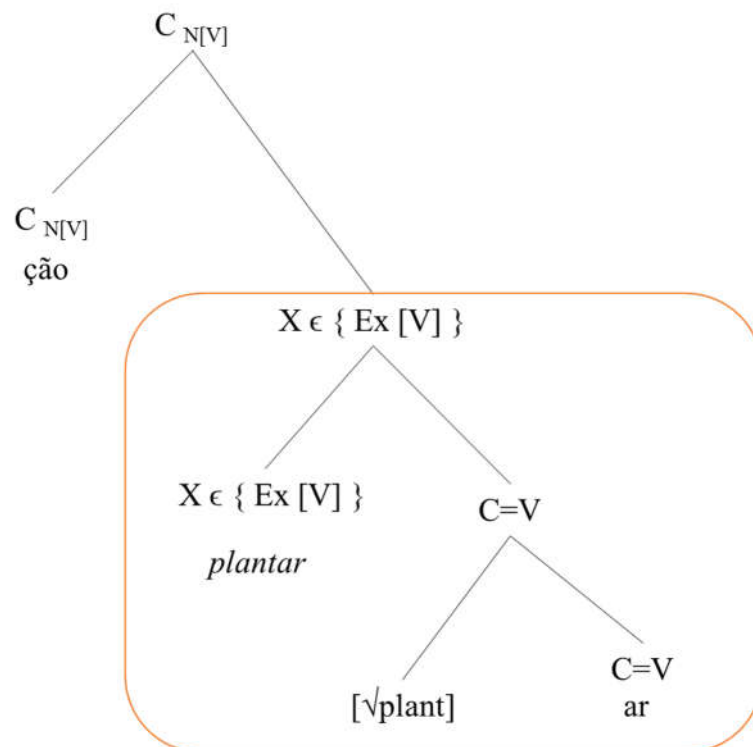
- (1)
 - a. A *plantação* de árvores pelos atletas olímpicos
 - b. O fogo consumiu toda a *plantação* de cana dos fazendeiros.

Note que o nome *plantação*, significando *espaço plantado de um terreno*, representado em caixa alta, se estivesse na sentença em 1a), acarretaria em agramaticalidade, assim como o nome *plantação*, significando *ato de plantar* na sentença em 1b). Observe este fenômeno nos exemplos a seguir:

- (2) a. * A *PLANTAÇÃO* de árvores pelos atletas olímpicos
b. * O fogo consumiu toda a *plantação* de cana dos fazendeiros.

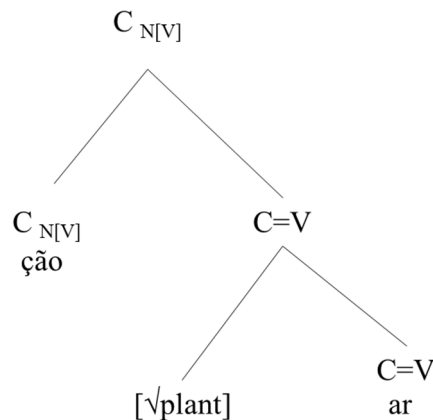
Diante destes exemplos, surge a pergunta: O que faz estes nomes apresentarem comportamento sintático e semântico tão diferentes? A resposta, proposta por Borer (2013) e aqui assumida, é que a estrutura sintática desses nomes é diferente, influenciando no tipo de leitura que eles terão. Borer (2013) assume que os AS-nominals tenham uma projeção estendida verbal (Ex[V]) em sua estrutura sintática. Esta projeção estendida licenciaria a leitura eventiva destes nomes e restringiria o mecanismo de busca enciclopédica (en-search), tendo como resultado a necessidade de leitura composicional. Observe a estrutura desses nomes na figura 5, na qual o retângulo em laranja significa ‘limite final para busca enciclopédica’.

Figura 6 - Estrutura sintática dos AS-nominals



Fonte: Própria

Os R-nominals, por sua vez, não apresentam este nó sintático, tendo, portanto, a possibilidade de que o mecanismo de busca enciclopédica possa exercer a busca em qualquer nó sintático, fazendo com que o conteúdo não – composicional possa ser encaixado em um nível elevado da derivação morfossintática. Observe esta estrutura na figura 6:

Figura 7 - Estrutura sintática dos R-nominals

Fonte: Própria

Observe que, devido à falta de uma projeção estendida nos nomes referenciais, isto é, aqueles que não têm leitura eventiva, o conteúdo não-composicional pode ser encaixado em qualquer nível morfossintático. Logo, é assumido que somente R-nominals podem ter idiomaticidade semântica. Dito isso, observaremos agora exemplos da polissemia existente nos nomes complexos cognatos do português brasileiro e espanhol com as raízes $\sqrt{\text{corr-}}$ e $\sqrt{\text{bat-}}$.

3. ANÁLISE DE NOMES DEVERBAIS

Nas propostas construcionistas da sintaxe, conforme vimos na seção anterior, uma grande responsabilidade é dada à estrutura sintática, ou seja, não é mais um item lexical com fonologia identificável que projeta a estrutura e determina seu significado concebido simplesmente em termos da 'arbitrariedade saussuriana'. Para a formação do significado de um item, a estrutura sintática em que ele se insere é crucial. Então, é possível considerar que as conexões sintático-semânticas em que um determinado verbo apareça estejam disponíveis independentemente do item lexical.

O fenômeno da polissemia vem sendo estudado em linguística, porém, é nova a abordagem que relaciona o surgimento de novos significados e as estruturas sintáticas hierárquicas, provenientes da tradição gerativista (PEDERNEIRA, 2015, 2016), por exemplo, propõe estruturas eventivas para a polissemia de verbos leves no português brasileiro, baseando-se na teoria exoesquelética. Daremos um novo passo nesse estudo, incorporando a polissemia de nomes em um estudo comparativo entre português brasileiro e espanhol.

3.1. Nomes derivados da $\sqrt{\text{corr-}}$

O português brasileiro e o espanhol apresentam os seguintes nomes cognatos formados a partir da $\sqrt{\text{corr-}}$:

Tabela 1 - Nomes cognatos a partir de $\sqrt{\text{corr-}}$

Nome	Português	Espanhol
Corredor [[corre] _v dor] _n	Corredor brasileiro Corredor da faculdade	Corredor brasileño Corredor de la casa
Corrente [[corre] _v n _{te}] _n	Corrente marítima Corrente elétrica Corrente da bicicleta	Corriente maritima Corriente electrica
Corrida [[[corri] _v d] _{pp} a] _n	Corrida de cem metros rasos Dar uma corrida	Corrida de toros
Correria [[corr] _v eria] _n	Correria no bairro Estou numa correria	Correría de los guerrilleros (invasão) Correrías por la ciudad (andanças)

Iniciaremos a análise a partir do nome *corredor* em PB e seu cognato em espanhol que, conforme representado brevemente na tabela acima, aparecem nos seguintes contextos sintáticos:

- (3) a. O *corredor* brasileiro ganhou a maratona do Rio
b. O *corredor* da faculdade está limpo.
- (4) a. El *corredor* brasileño ganó medalla de plata.
b. Nos sentamos en el *corredor* y tomamos limonada. (AQUINO, 2016, p. 61)

Note que este nome não poderia estar em sentenças como: * o *CORREDOR* brasileiro por 3km em 2 horas ou * o *CORREDOR* da sala pelos pedreiros em três dias, pois, eles não têm leitura eventiva, não apresentam argumentos e não permitem modificação de telicidade, sendo, portanto, nomes referenciais (R-nominals). Conforme visto na seção 2, leituras idiomáticas podem emergir em nomes desse tipo.

Como podemos ver nos exemplos acima, as línguas se assemelham e o nome *corredor* e seu cognato espanhol apresentam duas leituras semânticas possíveis. A primeira delas é *atleta que pratica corrida* e a segunda *passagem entre diferentes cômodos de um imóvel*. No entanto, no que diz respeito à composicionalidade dessas leituras, nos exemplos (3a) e (4a), temos uma leitura composicional, enquanto, nos exemplos (3b) e (4b), a semântica é idiomática. Então, a estrutura de leitura seria: CORRE + dor, para *corredor brasileiro* e *CORREDOR* para *corredor da faculdade*. Ou seja, na segunda leitura, o conteúdo idiomático emerge na última camada morfológica [$\sqrt{\text{corr}}$ e]_vd]_{pp}or]_n.

O segundo termo a ser analisado será o nome *corrente* e seu cognato *corriente*, que aparecem nos seguintes contextos:

- (5) a. A *corrente* do mar está forte
b. Essa tomada está sem *corrente*.
c. A *corrente* da minha bicicleta saiu.
- (6) a. Estas aguas són de fuertes *corrientes*.
b. Esta *corriente* electrica puede quemar las manos.

A partir dos exemplos (5) e (6) já podemos ver que as línguas portuguesa e espanhola não se assemelham em todos os usos deste nome, pois o PB apresenta o uso em (5c) que não é encontrado com nome cognato em espanhol. Nas sentenças em (5a) e (6a), o nome *corrente* e seu cognato apresentam leitura de *fluxo contínuo de água*. Já em 5(b) e 6(b), a leitura é de *fluxo contínuo de energia elétrica* e, em (5c), na língua portuguesa, é de *liame composto de elos metálicos*. Em todos esses casos, os nomes não apresentam leitura eventiva, ou seja, são nomes referenciais, pois não poderiam estar em uma sentença como: * A *CORRENTE* da bicicleta pelo ciclista em 5 horas. Quanto ao nível sintático no qual a leitura semântica emerge nesses nomes, temos nos casos em (5a) e (5b), (6a) e (6b), a estrutura *CORRE*+ nte e, no caso (5c), a estrutura *CORRENTE*.

Outro nome formado a partir da raiz de correr é o nome *corrida*. Este nome e seu cognato aparecem nos seguintes contextos:

- (7) a. O atleta queniano ganhou a *corrida*.
b. Vou dar uma *corrida* no parque.
- (8) Las *corridas* de toros són mui peligrosas.

Nos exemplos em (7), o nome significa, respectivamente, *modalidade esportiva*, sendo a leitura semântica encaixada no nível morfológico mais alto: *CORRIDA*, e *ato de correr*, cuja estrutura é *CORRI* + da. Já no exemplo em (8), o nome recebe a leitura de *evento cultural* e aparece somente no contexto ‘*de toros*’, neste caso, a leitura idiomática recai na palavra como um todo: *CORRIDA*. Note que uma sentença como: * A *CORRIDA* na praia pelos atletas por três horas é agramatical porque este nome não apresenta leitura eventiva, assim como, o exemplo em (7b), no qual o nome está encaixado em uma estrutura de verbo leve dar + -ada¹, em que a leitura de evento é dada pelo verbo leve *dar*. Logo, este é um nome referencial.

Por fim, temos o nome *correria* e seu cognato que aparecem nos seguintes contextos:

- (9) a. O desmoronamento do prédio causou uma *correria* na cidade
b. Esta semana estou na *correria*.
- (10) a. En su última *correria* los guerrilleros no respetaron nada
b. Lo acompañó em sus *correrias* por la ciudad

Podemos observar através dos exemplos que este nome apresenta entre as línguas significados completamente distintos. Em PB, nos exemplos (9a) e (9b), *correria* significa, respectivamente, *pessoas correndo desordenadamente* e *ritmo acelerado da vida*. Já em espanhol, nos exemplos (10a) e (10b) *correria* significa, respectivamente, *invasão* e *andanças*.

No que diz respeito ao tipo de nome deverbal, tanto em PB quanto em espanhol, o nome *correria* é um nome referencial, pois, conforme a

¹ Para saber mais sobre essa estrutura de verbo leve, confira Scher, 2006.

agramaticalidade das sentenças * *a correria pelas pessoas em uma hora* ou * *la correria por los invasores* demonstra, este lexema não apresenta leitura eventiva, não possibilita modificação de telicidade e não apresenta argumento iniciado por *por*. Neste caso, as estruturas com as camadas nas quais as leituras idiomáticas emergem em cada caso serão, respectivamente, *CORRE* + *ia*, *CORRERIA*, *CORRERÍA* e *CORRERÍA*.

Note que nos dois últimos casos, embora o conteúdo idiomático apareça na última camada morfológica, o nome apresenta leituras diferentes que são listadas na enciclopédia e selecionadas a partir de uma estrutura sintática que as licencie, como, por exemplo, o ambiente sintático em que o segundo caso de *correria*, na sentença (10b), está contido. Neste contexto, o nome é licenciado pelo sintagma locativo iniciado por *por*.

3.2. Nomes derivados de $\sqrt{\text{bat-}}$

Uma das nominalizações possíveis para a base verbal *bater* é a partir da nominalização do particípio passado deste verbo não adjetivado: *batida*. Esta nominalização denota o resultado do evento de bater que, por sua vez, apresenta grande variabilidade semântica: colidir, investigar, roubar entre outras. Observe a seguir os exemplos com os usos deste nome nas línguas aqui estudadas:

- (11) a. Mulher morre em batida de carro
 b. Siga a batida da música
 c. Como fazer uma batida de maracujá?
 d. Hoje teve uma batida policial
- (12) a. Batida policial contra los coches mal aparcados.
 b. Yo acostumbro todas lãs mañanas hacer un batido de manzana

Note que, em português, nas sentenças em (11), *batida* denota, em cada exemplo, respectivamente, *colisão*, *ritmo musical*, *bebida feita a partir da mistura de frutas com bebidas alcoólicas* e *investigação policial*. Já nas sentenças em (12), o nome *batida/o* tem como conteúdo semântico: *investigação policial* e *bebida feita a partir da mistura de frutas e leite*. A comparação do uso deste item nominal entre as línguas portuguesa e espanhola revela uma grande falta de correspondência entre as escolhas lexicais destas línguas, ou seja, o aproveitamento semântico deste nome na língua portuguesa é maior que o da língua espanhola.

Em comparação com as leituras semânticas do verbo *bater*, o nome *batida* apresenta em português tanto leituras composicionais quanto leituras idiossincráticas, conforme os casos apresentados na Tabela 2. No primeiro caso desta tabela, a semântica do verbo *bater* (*colidir*) está na base do nome *batida* mencionadas na tabela abaixo: *contato abrupto entre dois corpos sólidos*, *produção de ruído rítmico* e *bebida alcoólica feita agitando um container com cachaça e pedaços de fruta*. O significado de investigar para o verbo *bater* (*A*

polícia bateu toda a região) provém de uma metáfora e está na base do significado do nome *batida*, representado na quarta linha da tabela a seguir.

Tabela 2 - Comparação semântica entre o verbo *bater* e o nome *batida* em português

Base verbal	Conteúdo	Nome derivado	Conteúdo
bater o carro	COLIDIR	Batida	sem conteúdo novo listado
bater a fruta	MISTURAR	Batida	BEBIDA ALCÓOLICA
bater a área	INVESTIGAR	Batida	sem conteúdo novo listado

Quanto à língua espanhola, embora não tenha todas essas variedades de uso do nome *batida*, também apresenta ocorrências com conteúdo idiomático no nome quando comparado à semântica da base verbal *batir*, no caso de *milkshake*. Observe a tabela a seguir:

Tabela 3 - Comparação semântica entre o verbo *batir* e o nome *batida* em espanhol

Base verbal	Conteúdo	Nome derivado	Conteúdo
Batir la zona	INVESTIGAR	Batida	sem conteúdo novo listado
Batir la fruta	MISTURAR	Batido	MILKSHAKE

Há também em português e espanhol um nome construído a partir da concatenação do sufixo -or ao particípio passado do verbo *bater*. Esse sufixo tem por contribuição semântica a noção de agente ou instrumento, conforme os exemplos abaixo:

- (13) a. Me passa o batedor de ovos
 b. Ele é batedor de comboio presidencial
 c. Taxista ajuda a prender um batedor de carteira
- (14) a. Él es batidor de comboio presidencial
 b. Pasame la batidora de huevos

Nestas sentenças, o nome significa, respectivamente, *instrumento utilizado para bater ovos, policial ou soldado que vai à frente da caravana e ladrão*. Apenas em (13a) e (13b), as línguas se assemelham no uso do item lexical. Para a sentença em (13c), a língua espanhola não apresenta uma construção idiomática com o nome cognato. Note que, em português, a construção *batedor de carteira* é gerada a partir da expressão idiomática *bater carteira* (roubar). No caso de *batedor de comboio presidencial*, temos no nome *batedor* o significado de *abrir caminho*, que está perdido no uso do verbo *bater*. Para melhor entendimento, observe a tabela 4.

Tabela 4 - Comparação semântica entre o verbo bater e o nome batedor em português

Base verbal	Conteúdo	Nome derivado	Conteúdo
bater ovos	COLIDIR	batedor (de ovos)	sem conteúdo novo listado
bater carteira	ROUBAR	batedor (de carteira)	sem conteúdo novo listado

O espanhol, por sua vez, apresenta três concepções para o nome *batidor*, conforme representado na tabela abaixo. A primeira e a segunda são composicionais e a última tem conteúdo idiomático: um policial/soldado que abre caminho. Os dois últimos casos se distinguem pelo fato da seguinte sentença ser possível em espanhol: *enviaron a un batidor para que se adelantara* (enviaram a um explorador para que se adiantasse), isto é, o nome *batidor* desta sentença é composicional em relação a leitura semântica explorar do verbo *batir* em espanhol.

Tabela 5 - Comparação semântica entre o verbo batir e o nome batidor em espanhol

Base verbal	Conteúdo	Nome derivado	Conteúdo
Batir los huevos	MISTURAR	batidora	sem conteúdo novo listado
Batir lo camino	EXPLORAR	Batidor	sem conteúdo novo listado
Batir lo camino	EXPLORAR	Batidor	POLICIAL QUE ABRE CAMINHO

É interessante notar que em português o nome batedor no caso de batedor de ovos denota, somente, instrumento utilizado para bater ovos, diferentemente da língua espanhola, na qual o nome *batidora* denota instrumento utilizado para bater. Essa curiosidade demonstra que uma palavra pode apresentar um aproveitamento semântico maior em uma língua, quando comparada a outra língua aparentada.

Uma terceira possibilidade de nome deverbal com a $\sqrt{\text{bat-}}$ é a partir da junção do sufixo -mento à base verbal. Este sufixo contribui semanticamente com a noção de resultado de uma ação. Observe os exemplos que se seguem:

- (15) a. Como se mede o batimento cardíaco?
b. O batimento das asas do Beija-Flor é muito rápido.
- (16) a. ¿Sabes calcular los latidos del corazón?
b. La frecuencia del batimiento de las alas del colibri es mas o menos de 70 a 80 veces por segundo (Google).

O nome batimento e seu correspondente espanhol *batimiento*, conforme mostrado nas sentenças acima, apresentam leituras composicionais. Neste caso, o verbo *bater* está denotando metaforicamente uma colisão. Em português, essa metáfora se estende a coração e a asas. Já em espanhol, somente o *bater das asas* é descrito pelo verbo e, conseqüentemente, pelo nome. Dito isto, ainda é válido notar a falta de correspondência lexical entre as línguas nas sentenças (15a) e (16a), na qual a língua espanhola se utiliza de um derivado composicional

do verbo *latir* para representar a noção das batidas do coração, noção esta que, em português, é descrita a partir de *bater*. A $\sqrt{\text{bat-}}$ também é aproveitada no nome *batente*, formado a partir da concatenação do sufixo *-nte* à base verbal. Observe os exemplos a seguir:

- (17) a. Eu preciso trocar o batente da porta.
b. Hoje eu pego no batente às seis da manhã.
- (18) Aquella puerta estuvo golpeando el batiente toda la noche (Google).

Nas sentenças acima, em português, o nome apresenta as seguintes leituras semânticas: *lugar onde a porta bate* e *trabalho*. Ao comparar com a língua espanhola, constatamos a ausência da construção idiomática *pegar no batente* (trabalhar), na qual *batente* significa *trabalho*. Esta falta de semelhança entre as línguas é esperada em casos de expressões idiomáticas, embora existam algumas exceções. Em espanhol, apenas a leitura *lugar onde a porta bate* é descrita por esse nome. Em português, no exemplo (17a), emerge um conteúdo especial para a base verbal e nenhum novo conteúdo especial para o derivado, o que o torna composicional. Já em (17b), o conteúdo não-composicional TRABALHO emerge somente no item derivado *batente* como um todo. Em espanhol, por sua vez, o item *batiente* apresenta apenas a leitura composicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propunha-se a analisar dois pares de verbos cognatos e os seus nomes derivados em português brasileiro e espanhol. As análises dos nomes deverbais foram feitas partindo da hipótese de que palavras complexas podem apresentar significados idiossincráticos, deixando de ter relação semântica composicional com suas partes morfológicas. Conforme visto nas análises destas palavras na seção 3, é possível compreender que a hipótese de que os conceitos vinculados às palavras podem ser modificados se aplica na maioria dos casos estudados. Observando palavra por palavra nota-se que a relação semântica composicional é muito produtiva, como se deve esperar. No entanto, uma mesma palavra complexa pode apresentar tanto leituras composicionais quanto idiomáticas. É importante notar que muitas das leituras apresentadas pelas palavras devem-se à variabilidade semântica dos verbos que estão na sua base, porém, ainda assim, conceitos novos são atribuídos nas palavras complexas idiomatizadas como um todo.

Este estudo nos mostra que a possibilidade de surgir conceitos novos em palavras complexas está presente nas línguas, porém cada língua se serve deste mecanismo em escalas diferentes. A comparação entre duas línguas aparentadas nos mostrou que nos pares de palavras complexas cognatas cada peça lexical de um dos pares pode se comportar de forma autônoma, confirmando que as raízes não apresentam conceito básico. Dito isso, a partir do estudo das relações semânticas entre a base verbal e a palavra derivada foi possível perceber que o

significado pode estar presente: (i) somente na base verbal, sendo a palavra derivada semanticamente regular; (ii) somente na palavra complexa, confirmando que o surgimento de novos conteúdos conceptuais não são obrigatórios e são cíclicos e; (iii) tanto na base verbal quanto na palavra derivada, revelando a possibilidade de conteúdo novo em palavras morfologicamente complexas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rafaela do Nascimento Melo. Encontros e desencontros semânticos em palavras cognatas das línguas portuguesa e espanhola. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2016.

ARAD, Maya. “Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs”. In: *Natural Language & Linguistic Theory*. [S.l.: s.n.], 2003. v. 21, p. 737-778.

BORER, Hagit. “The Grammar Machine”. In: ALEXIADOU A., E. A.; EVERAERT, M. (Ed.). *The Unaccusativity Puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. *In Name Only. Structuring Sense*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. *Roots and Categories*. Circle of Generative Grammar: University of the Basque Country, 2009. Handout. Disponível em: <http://webspace.qmul.ac.uk/hborer/downloads/roots_and_categories-revised.pdf> Acesso em 2 jun 2014

_____. *Taking Form: Structuring Sense*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. “Derived Nominals and the Domain of Content”. In: *Lingua*, v. 141, p. 71 – 96, Março 2014.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111- 176.

MARANTZ, Alec. *Words*. Handout, 2001. Disponível em: <http://babel.ucsc.edu/~hank/mrg_readings/Marantz_words.pdf> Acesso em 4 abr 2014

PEDERNEIRA, Isabella Lopes. Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo da estrutura argumental. Tese de Doutorado. UFRJ. 2015.

_____. *Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo da estrutura argumental*. ALFA. 2016.

SCHER, Ana Paula. “Nominalizações em -ada em Construções com o Verbo Leve dar em Português Brasileiro”. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 29-48, março 2006.

SIDDIQI, Daniel. Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

Rafaela do Nascimento Melo Aquino
LitteraMelo@gmail.com

Isabella Lopes Pederneira
SPederneira@hotmail.com

Miriam Lemle
MiriamLemle@gmail.com

Recebido em: 6 mar. 2018
Aceito em: 14 jun. 2018
Publicado em: 19 ago. 2018